

Caudilhos e heróis da América: virtude política e identidade americana em Oliveira Lima

FABIO MURUCI DOS SANTOS*

Resumo: O artigo analisa a obra de Oliveira Lima, destacando a busca de um modelo de elite política para a América Latina que substituísse o predomínio dos caudilhos. Lima encontrou esse modelo no culto a George Washington, nos Estados Unidos, o qual fazia parte da tradição republicana local de valorização de personalidades políticas harmônicas e de alta virtude pública, em oposição ao personalismo carismático latino.

Abstract: Oliveira Lima's work is analyzed, emphasizing his search for new models of political elite for Latin America, which could substitute the *caudillos*. Lima found a model in George Washington's veneration in the United States, where the local republican tradition valued harmonic and virtuous political personalities, differently from the charismatic Latin American leaderships.

Palavras-chave: Oliveira Lima. Caudilhismo. Virtude republicana.

Key words: Oliveira Lima. *Caudillos*. Republican virtue.

Oliveira Lima trabalhava no serviço diplomático brasileiro na Venezuela quando escreveu uma série de artigos para *O Estado de São Paulo* sobre a vida política nas repúblicas hispano-americanas, publicadas em livro postumamente. Foi um período difícil de sua trajetória como diplomata. Após uma série de desavenças com o então Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, Lima estava sendo indicado para vários postos diplomáticos que considerava de pouca relevância, como Japão, Peru (que não chegou a exercer) e a própria Venezuela, poster-

* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Este artigo é parte de minha pesquisa de Doutorado sobre a visão de América nos intelectuais ibero-americanos do final do século XIX. Gostaria de agradecer a CAPES, que me forneceu uma bolsa para realizar um período de pesquisa na Oliveira Lima Library, na Catholic University, em Washington, EUA. E-mail: fmuruci@aol.com

gando seu desejo de servir na Europa, onde pretendia completar suas pesquisas sobre o Brasil Imperial. Para completar esses sabores, Lima entrou em choque com a política de aproximação com os Estados Unidos, iniciada por Rio Branco. Seus comentários ácidos levaram o presidente Rodrigues Alves a pensar em colocá-lo em disponibilidade e o excluíram da representação brasileira na Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro, em 1906. Lima considerava a aproximação excessiva com os EUA perigosa diante das indicações de que Theodore Roosevelt pretendia expandir a área de influência norte-americana pelo Caribe e pela América do Sul.¹ Para combater esse expansionismo, defendia uma relação mais próxima com os países hispano-americanos, especialmente a Argentina. Suas atitudes polêmicas o colocaram em uma posição incômoda nos quadros do Itamaraty.²

Apesar desses conflitos, Lima afirmava, em um de seus artigos: “considero a minha estada neste país o capítulo quicá mais valioso da minha instrução diplomática”.³ No período venezuelano, sua preferência pelo regime monárquico tornou-se mais explícita e a desconfiança das intenções norte-americanas mais aguda. A explicação das razões de seu aprendizado é importante para as análises que proporei a seguir:

Na Alemanha aprendi como se ergue uma nacionalidade, secularmente atrofiada, por meio da união e da atividade industrial e comercial; nos Estados Unidos e na Inglaterra, como as liberdades civis e políticas se casam com o instinto mercantil e com a energia animal para procriarem grandes povos; no Japão, como o patriotismo extremado obra milagres na renovação do fundamento econômico, do aparelho defensivo e dos instrumentos e riqueza de uma nacionalidade, sem sacrifício de uma partícula de sua integridade moral. Em Venezuela, porém, é que vim aprender como uma vontade forte e *única*, discricionária naturalmente, freqüentemente caprichosa, porque nada a contrasta, se sobrepõe às mais adversas combinações de circunstâncias.⁴

¹ SMITH, Robert Freeman. Latin America, the United States and the European Powers, 1830-1930. In: BETHEL, Leslie (org.). *The Cambridge History of Latin America*, vol. IV – c. 1870 to 1930. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

² MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru/São Paulo: EDUSC/FAPESP, 2001, cap. 6.

³ Lima, Oliveira. *Impressões da América Espanhola (1904-1906)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953, p. 138.

⁴ *Ibid.*

Lima costumava escrever sobre cada país em que trabalhava ou que visitava. O conjunto de seus escritos de viagem é talvez o mais volumoso entre os brasileiros da época. Quando observamos o circuito de suas viagens, um dos fatos mais notáveis é a relativamente pequena atenção dada aos pontos tradicionais de interesse das elites intelectuais brasileiras, como França e Inglaterra, e os longos comentários sobre EUA, Japão, Alemanha e Argentina. Como descrito na passagem acima, todos esses países seriam exemplos de processos bem sucedidos de modernização baseados na organização industrial e na disciplina coletiva. Já a Venezuela, na época governada pelo caudilho Castro, exemplificava o perfil político mais comum das repúblicas hispano-americanas. O papel da "vontade" individual de líderes aventureiros na organização política dessas repúblicas as colocaria em um universo anacrônico diante de um mundo em que a eficiência organizacional e a disciplina social haviam se tornado os melhores ingredientes do progresso. Curiosamente, Lima parece apreciar o fato de que a audácia do tirano venezuelano lhe tenha permitido confrontar as ameaças intervencionistas da Alemanha e dos EUA, que exigiam o pagamento de dívidas. Mas o perfil do caudilho também resumiria as principais razões do atraso hispano-americano em comparação com aquelas potências emergentes.

Como antídoto para o atraso, Lima defendia a necessidade de um novo tipo de personalidade coletiva latino-americana que substituísse o aventureirismo dos caudilhos. Esta é uma questão presente em todos os seus principais escritos sobre a evolução histórica das Américas: a criação de um novo modelo de herói para a América Latina. O tema havia se tornado recorrente na produção intelectual latino-americana na virada para o século XX. A influência do opúsculo *Ariel* (1900), do uruguaio José Enrique Rodó, havia disseminado a crença na necessidade de formação de novas lideranças exemplares que superassem o quadro de conflito civil crônico que dominara a América Hispânica durante o século XIX. Esse propósito teve fortes repercussões também no Brasil, especialmente após os governos militares no início da República.⁵

A noção "arielista" de liderança se baseava na formação de elites esclarecidas, rigorosamente selecionadas entre o que havia de melhor na sociedade culta, que colocassem o serviço à causa pública acima das disputas partidárias ou da ambição de poder.

⁵ PAMPLONA, Marco Antônio. Una perspectiva "Arielista" entre los hombres públicos brasileños de fin de siglo: Joaquín Nabuco y Oliveira Lima" In: *Estados Unidos desde América Latina: sociedad, política y cultura*. México: Colegio de México, 1995.

Uma de suas principais funções seria reforçar os critérios legítimos de valor contra o falso igualitarismo que teria predominado nas repúblicas instáveis do oitocentos. O movimento "arielistas" se difundiu por toda a América Latina nas primeiras décadas do século XX, mas assumiu uma ampla variedade de abordagens, desde o nacionalismo de direita até o indigenismo de esquerda.⁶ Cada uma dessas escolas produziu seus respectivos modelos de exemplaridade e heroísmo, muitas vezes opostos uns aos outros.

Este artigo pretende explorar os modelos de exemplaridade utilizados por Oliveira Lima e suas implicações para uma determinada interpretação da evolução histórica comparada das Américas Latina e Anglo-Saxônica. O modelo exemplar usado por Lima contra a personalidade caudilha foi a figura de George Washington, o líder militar da independência e primeiro presidente dos EUA. No momento em que Lima escrevia, o culto a Washington já era secular e sua filiação a muitos de seus princípios pode ajudar a esclarecer seu pensamento político. Da mesma forma, permite-nos observar as particularidades de sua leitura da história americana.

Começamos observando a descrição da personalidade latino-americana desenvolvida por Lima. Sua origem estaria na Conquista espanhola, movimento que rasgou continentes movido exclusivamente pela sede de glória e pela miríade do ouro. O símbolo maior do empreendimento espanhol foi o Dom Quixote, "a fórmula do caráter do povo e a súpula da história da nação".⁷ Despidos de espírito comercial e organizacional, os espanhóis (mais que os portugueses) tomaram a América, dominados pelo "espírito de aventura" que caracterizava o universo ibérico na época, aliado ao espírito religioso sectário e místico representado por Santa Teresa de Jesus. As duas formas de alienação idealista sobrepujaram o espírito prático e realista do povo, representado por Sancho Pança, que foi levado de roldão numa aventura que só lhe trouxe miséria. O "gaúcho" dos pampas e o "mestiço" peruano seriam os descendentes degenerados dessa mentalidade aventureira, que deprecia o trabalho e ignora a disciplina.

A longo prazo, o aventureirismo inicial continuou impregnado na cultura hispano-americana, gerando apatia e desordem e tendo trágicas conseqüências políticas no momento em que as guerras de independência trouxeram os habitantes do interior

⁶ VALDÉS, Eduardo Deves. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad*. Buenos Aires: Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000; e Stabb, Martin. *In quest of identity: patterns in the Spanish American essay of ideas, 1890-1960*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1967.

⁷ LIMA, *Impressões da América Espanhola*, p. 118.

para o centro da vida política. Os caudilhos, “vaqueiros a cujos instintos selvagens falava com eloqüência o demônio da destruição”,⁸ impuseram sua personalidade sobre as elites políticas *criollas*, formadas na sociedade culta do Império espanhol e adeptas do melhor iluminismo, e determinaram o mecanismo da vida política continental no século que se seguiu. As guerras civis da Independência teriam exterminado toda uma geração de líderes virtuosos, deixando espaço para a ascensão de senhores regionais e populações mestiças sem qualquer experiência política: “A vida desses países ficou comprometida e estragada por um vício radical e em certo sentido hereditário, que é o da atividade política sem educação cívica”.⁹ O espaço público foi invadido pela personalidade política dominante nas autarquias da região rural, sob domínio de senhores guerreiros.

Nesse ponto, as considerações de Max Weber sobre o “carisma” podem ser esclarecedoras. Weber aponta que a autoridade carismática se distingue agudamente de outras duas formas de organização, a burocrática e a patriarcal. Apesar de suas particularidades, estas últimas têm em comum o propósito de gerenciar os assuntos econômicos e definir um ordenamento estável para a sociedade, a primeira baseada em regras e leis abstratas e impessoais e a segunda em costumes e tradições. Algum grau de racionalidade seria inerente a ambas. A “liderança carismática”, ao contrário, ignora as necessidades da administração econômica. Ela nasce de um sentido de missão, incorporado em um líder que sustenta seu poder apenas na medida em que se mostra capaz de realizá-la. Se fracassar, será abandonado por seus seguidores. Por ser limitado a um objetivo específico, o líder carismático despreza o planejamento e vê como indigno o esforço de acumulação financeira através do trabalho regular e da negociação. Como em todos os outros aspectos, sua visão da economia está restrita a ações explosivas e efêmeras, que lhe tragam prestígio como realizador de “feitos” únicos. Daí o privilégio dado ao saque e a pilhagem como meios de enriquecimento.

No campo da autoridade política, esse líder se move num universo de fidelidades instáveis. Seu meio de atrair a obediência dos seguidores não está na ordem dos valores ou das regras e sim do apelo emocional, nas dificuldades que enfrenta e no entusiasmo que gera ao vencê-las. Sua autoridade se apóia na rara capacidade

⁸ LIMA, Oliveira. *América Latina e América Inglesa: a evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1914, p. 103.

⁹ *Ibid.*, p. 129.

de realizar o extraordinário e o inaudito. Assim, ele é necessariamente um líder “heróico” e, por isso, alheio ao mundo doméstico, aos espaços de trivialidade e regularidade: “Para fazer justiça à sua missão no mundo, os portadores do carisma, o mestre bem como seus discípulos e seguidores, devem manter-se distantes dos laços deste mundo, distantes das ocupações rotineiras, bem como distantes das obrigações rotineiras da vida de família”¹⁰, o que se aplica tanto ao líder religioso quanto ao herói guerreiro. O caráter altamente pessoal e extraordinário do poder carismático dá ao seu líder a oportunidade de romper tanto com as regras burocráticas quanto com a tradição, o que lhe confere certo potencial revolucionário, aumentando ainda mais a instabilidade que o cerca.

Um dos poucos meios de que dispõe para perpetuar sua autoridade é explorar situações de guerra crônica, em que o extraordinário de certa forma se rotiniza já que a instabilidade se tornou o padrão. Esse quadro descreve bem a América Latina caudilha de Oliveira Lima, em que o “espírito de aventura” espanhol continuaria atuando como motor dos eventos políticos mesmo após a Independência (ou talvez ainda mais). Tocqueville já havia perguntado: “quem poderá afirmar que as revoluções não sejam, em nosso tempo, o estado mais natural dos espanhóis da América do Sul?”¹¹ Ao desenvolver suas análises do fenômeno “Castro” na Venezuela, Lima considera que “um dos defeitos da mentalidade sul-americana consiste no culto supersticioso dos ídolos, no apelo à infalibilidade do mestre”.¹² Na ausência de um sistema racionalizado de leis e procedimentos, os latino-americanos teriam suas fidelidades políticas atraídas pelos mesmos critérios de “entusiasmo” que Weber identifica com a “autoridade carismática”. Como no caso de Castro, os “atos de vontade” da personalidade extraordinária mobilizam a adesão e permitem a uma pobre república caribenha confrontar as duas maiores potências da época, mas o preço é a ausência de um ordenamento civil estável que garanta as bases políticas para a modernização econômica. Carente seja da “atividade industrial e comercial” dos alemães, seja do “instinto mercantil” dos anglo-americanos, a América Latina continuaria repetindo a tragédia da Conquista, agora rotinizada na situação de “guerra crônica” que, também segundo Weber, perpetua o “caris-

¹⁰ WEBER, Max. A sociologia da autoridade carismática. In: GERTH, Hans; WRIGHT MILLS, C. (orgs.). *Max Weber. Ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p. 286.

¹¹ Apud. VOUGA, Claudio. A democracia ao sul da América: uma visão tocquevilliana. *Tempo Social*, São Paulo: USP, v. 1, n. 13, 2001, p. 119.

¹² Lima, *Impressões da América Espanhola*, p. 133.

ma” como prática política. A guerra permanente se transforma em normalidade, “constituindo o sacrossanto direito à insurreição o fundamento da República e a fonte de todos os demais direitos”.¹³

O quadro de instabilidade extrema e a cultura da aventura teriam penetrado na personalidade coletiva latino-americana, carregando-a com a obsessão pelo maravilhoso e a apatia submissa diante dos grandes heróis. A concentração em “feitos” deslumbrantes impediria a harmonia das faculdades e a regularidade dos hábitos, minando o processo de organização necessário para o desenvolvimento econômico: “nós temos, talvez como reação à estrita regra latina, um fraco visível pelo desregrado, pelo desequilibrado”.¹⁴ Desarmônica, a personalidade latino-americana transborda os espaços sociais e impõe sua expressão ostentatória sobre o universo político, “estabelecendo tão fundo contraste entre o trato privado dos cidadãos, franco, agradável, generoso e tolerante, e o seu trato público, intransigente, violento e até sanguinário”.¹⁵ Para superar esse quadro, um novo padrão de relações entre os espaços público e privado seria necessário.

Em seu primeiro período como diplomata nos Estados Unidos, Lima se mostrou muito impressionado com o crescente respeito dos norte-americanos por seu passado, negando o desinteresse pela tradição que sempre fora visto como uma marca daquela sociedade. Destacava, em particular, o imorredouro culto em torno de George Washington, “um sentimento comum a todo o país, uma feição coletiva que abraça todas as dissensões políticas e religiosas [...], toda feita de amor e de gratidão, para a qual não encontro termo de comparação em outro qualquer país”.¹⁶ Seguindo sua proposta de observar os EUA “constantemente buscando o que de aproveitável para nós poderia, a meu ver, resultar do exame e da confrontação”,¹⁷ Lima explorou extensamente a figura de Washington, construída durante mais de um século para extrair modelos exemplares de liderança para as elites latino-americanas que pudessem superar os padrões de autoridade carismática vigentes nas repúblicas caudilhas. Seu objetivo é tanto propor um novo modelo de poder quanto recuperar características históricas da América Latina que mostrassem ser possível a apropriação local desse modelo. A escolha dessa figura, entre outras possíveis,

¹³ Lima, *América Latina e América Inglesa*, p. 22.

¹⁴ Lima, Oliveira. *Nos Estados Unidos (Impressões políticas e sociais)*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1899, p. 11.

¹⁵ Lima, *América Latina e América Inglesa*, p. 129.

¹⁶ Lima, *Nos Estados Unidos*, p. 7.

¹⁷ *Ibid.*, p. 17.

como Jefferson ou Lincoln, esclarece alguns dos pressupostos do pensamento político de Lima.

A abordagem inicial, porém, é de desesperança. Diante do gosto latino pelo desregrado, Lima não acredita que uma figura como Washington pudesse atrair a adesão de sociedades acostumadas com o entusiasmo carismático. Argumentava que uma figura pública que não exerça a retórica inflamada e o personalismo “desaponta o nosso público e passa logo por monótona e carrançã”.¹⁸ Mas são exatamente as qualidades não-carismáticas que atraem Lima, quando confrontadas com os caudilhos. Em sua descrição de Washington, Lima se apropriou de uma série de valores do culto washingtoniano que se estenderam por todo o século XIX. Como aponta Barry Schwartz, esse culto produziu uma vasta quantidade de panegíricos que compartilhavam vários pontos em comum. O aspecto mais importante dessa produção é que ela forneceu ao público e às elites políticas norte-americanas modelos de heroicidade e grandeza tipicamente americanos, que destoavam dos modelos de herói desenvolvidos na Europa, como os de Napoleão Bonaparte e Frederico, o Grande. Washington resumia o modelo exemplar de um tipo de grandeza essencialmente americano.¹⁹

O modelo “napoleônico” de grandeza estaria baseado nos “feitos” de homens únicos, dotados com as incomparáveis qualidades do “Gênio” romântico. Seus motivos de ação seriam a ambição pessoal e o desejo de marcar o próprio curso da História com seu traço inigualável, liderando as massas apenas com o fervor gerado por suas conquistas. Os traços de personalidade propícios para essas figuras seriam uma autoconfiança infinita e o prazer com a glorificação que, afinal, era a fonte de sua perenidade na memória coletiva. Movidos pela força exclusiva de seu Gênio e ambição, esses líderes seriam completamente indiferentes ao sofrimento e ao caos que seus sonhos de grandeza costumavam causar ao homem comum. Aplicando todo seu talento em desviar os rios da História, eles acabavam exercendo um papel revolucionário nas sociedades em que atuavam, mesmo quando não tinham um destino final claro.

Na cultura política republicana norte-americana do século XVIII, esses perfis dominadores e ambiciosos traziam com eles o espectro da tirania, o maior dos males da vida política. A ambição não deveria ser um motivador da ação de homens públicos, porque trazia para o universo da política paixões destrutivas e egoís-

¹⁸ Ibid., p. 11.

¹⁹ Schwartz, Barry. *The character of Washington: a study in Republican culture. American Quarterly*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, v. 38, n. 2, 1986, p. 202-222.

tas, inadequadas ao universo da negociação. Nesse quadro, a própria política é pensada como uma luta permanente entre as paixões dos dirigentes e os interesses do povo. As qualidades de um grande líder republicano deveriam basear-se no uso moderado do poder e não na exacerbação da força para atender a ambições pessoais. Os grandes “feitos”, que são a base da autoridade carismática do herói “napoleônico”, são perigosamente ilusórios, porque escondem as motivações primárias do líder e incitam à cobiça desregrada. Em vez de um herói personalista, a cultura republicana propunha líderes contidos, que colocassem a virtude pública acima da ambição privada.

O processo de valorização das chamadas “paixões calmas” foi um dos traços marcantes do pensamento político do século XVIII. O cultivo dos negócios, a transação comercial, o cálculo econômico e a prudência na vida eram posturas crescentemente admiradas como opostas à ganância e à volúpia pelo poder. O desejo desenfreado pelo poder passava a ser identificado com as loucuras aventureiras de príncipes conquistadores, que haviam trazido um longo cortejo de sofrimento e violência para a história da humanidade. A personalidade conquistadora seria autocentrada e passional, trazendo instabilidade constante para as relações entre os homens. Seria dominada pelas “paixões negativas”, verificáveis nas lutas dinásticas e ódios religiosos. Já o trabalho aplicado e a organização prudente da vida trariam maior previsibilidade para o mundo, estimulando o convívio polido e a tolerância das diferenças. Para Montesquieu, por exemplo, a “frugalidade” seria uma das bases da liberdade republicana.²⁰

A imagem de Washington foi construída para exemplificar esses valores. Em um momento histórico em que muitos publicistas norte-americanos denunciavam a decadência das virtudes públicas e a falta de líderes exemplares, o mito washingtoniano fornecia uma duradoura base para a edificação da especificidade nacional dos EUA em comparação com a Europa. Em todos os aspectos, sua vida destoava do herói carismático e uma série de episódios era citada insistentemente para ressaltar sua originalidade. Washington seria um homem de vida extremamente regular, apreciador da disciplina diária e respeitador de horários. Mesmo nas mais difíceis batalhas da guerra pela independência, jamais teria se deixado levar pelo impulso e por emoções incontidas. Lima comenta que sua principal estratégia militar era evitar os combates desnecessários, sempre

²⁰ Hirschman, Albert O. *As paixões e os interesses. Argumentos políticos a favor do capitalismo antes de seu triunfo*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

fixado no objetivo final. Tais qualidades exemplificam o altíssimo valor que os republicanos davam ao *self-control*, um dos elementos formadores do “eu” norte-americano. Teria sido o autocontrole de Washington que evitou que os EUA caíssem na desordem civil que tomou a França pós-revolucionária.

O exame do caráter pessoal do líder seria fundamental para determinar suas motivações mais profundas, impedindo que a semente oculta da vaidade atuasse imperceptivelmente. A sobriedade e disciplina de Washington são exemplificadas pelo seu cultivo dedicado da terra e respeito pelo trabalho manual. Lima chega a sustentar que ele teria morrido por insistir em trabalhar em sua fazenda mesmo debaixo de chuva torrencial. A atenção pelos assuntos domésticos o distinguiria da alienação do líder carismático com relação aos assuntos cotidianos, sua falta de vínculo com o mundo da organização como apontado por Weber. Segundo Schwartz, Washington encarnaria o ideal horaciano do cultivo do solo e a tranqüilidade de coração, uma das inúmeras referências à Antigüidade clássica presentes na cultura republicana do século XVIII. O amor ao trabalho demonstra a humildade que deve caracterizar a virtude principal de um homem público, bloqueando a sedução da ambição tirânica. Dentro do universo político influenciado pelo puritanismo, o homem é apenas um executor da vontade divina e seu sucesso o habilita para fazer o bem coletivo.

Acima de tudo, Washington seria um homem de “sabedoria”. A “sabedoria” se diferencia do “Gênio” romântico, porque este último pode permanecer concentrado em uma única qualidade sobre-humana, explorada até as últimas conseqüências. Esta concentração em uma única faculdade trás o perigo da “desarmonia” da mente que, na cultura política republicana do setecentos, era vista como um estímulo a comportamentos obsessivos e extremados. O comportamento extremista é reprovável em quem tem que assumir responsabilidades diante de um coletivo marcado pela pluralidade. Georges Gusdorf considera a imposição de uma razão generalizadora sobre a heterogeneidade do social como o motivo do fracasso da Revolução Francesa em atingir a democracia.²¹ Essa crítica é compatível com a abordagem republicana aqui discutida ao valorizar mais a diversidade que o domínio de um princípio homogêneo. A “sabedoria” seria superior, porque, mesmo inapta para criações de gênio, ela cria harmonia entre as faculdades da mente, permitindo ao líder compreender a diversidade de expectativas e organizar os talentos diversos para o bem coletivo. Contra a arrogância do “herói caris-

²¹ Gusdorf, Georges. *As revoluções da França e da América: a violência e a sabedoria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

mático” diante das exigências da História, o “herói republicano” se submete à vontade do povo e se vê como instrumento de um desígnio coletivo. Nesse sentido, Washington teria sido exemplar tanto ao aceitar a presidência, quando já tinha todo o renome que alguém poderia esperar, quanto em recusar um golpe monarquista para aumentar seu poder. Só teria aceito o comando dos exércitos independentistas após muita relutância, enfrentando sérias dúvidas sobre sua própria competência para a missão. Dessa forma, a legitimidade republicana se constrói não no exercício do poder mas em sua rejeição sempre que ele não for estritamente necessário.

Auto-sacrifício, desinteresse, autenticidade, autocontrole, moderação seriam os valores de um líder virtuoso imune ao vício da tirania. O processo social de fabricação do mito “Washington” se dava pela transformação do ordinário no heróico. O “herói republicano” encontra sua concepção própria de “grandeza” ao tornar sua falibilidade uma qualidade contra a arrogância. E se torna tipicamente americano ao transformar sua harmonia e respeito pela diversidade em um instrumento da democracia. Tais valores, para Lima, o colocavam em choque com o modelo carismático latino-americano:

Washington era destituído de todo o brilho, de toda a petulância, de todo o charlatanismo, que nós tão levemente convertemos em talento, força e superioridade. Meticulosamente respeitador das opiniões contrárias – e nós fomos durante séculos habituados à intolerância política e religiosa, irritando-nos hoje qualquer diferença mais obstinada de credo que não o religioso, porque este o pusemos de lado; muito moderado, muito positivo – e nós temos, talvez como reação à estrita regra latina, um fraco vivível pelo desregrado, pelo desequilibrado.

O mérito de Washington consistia mais que tudo no comum extraordinário, se assim me posso exprimir, isto é, num conjunto de todas as virtudes de que é capaz a alma humana levadas ao seu extremo natural e perfeitamente ponderadas – e o nosso fanatismo presta somente culto ao indivíduo que apresenta uma ponta de sobrehumano, um traço espiritual exagerado, uma qualidade tornada desproporcionada e absorvente.²²

As características pessoais de Washington seriam extensíveis ao conjunto da sociedade norte-americana em toda a sua história. Seria esta a razão que teria levado os Libertadores hispânicos a terminar a vida no exílio ou no ostracismo, enquanto os líderes da Independência dos EUA teriam cumprido sua missão histórica

²² Lima, *Nos Estados Unidos*, p. 11.

com uma sensação de paz e realização final, protegidos pela “estabilidade do mecanismo” e “falta de ambiente para as calúnias da demagogia”.²³ O sucesso de Washington não se deveu a qualquer talento notável, o qual de fato não tinha, mas ao fato de sua política ter se dado em um contexto ausente de desordem caótica ou ódio ideológico, exatamente as situações que favorecem a ascensão de líderes carismáticos. Também diferente desses líderes, o autocontrole, no lugar da paixão, foi benéfico ao conter a licenciosidade que sempre extravasaria em momentos de liberdade abrupta, como no caso de nações libertadas de longos períodos de submissão colonial. Por fim, Washington teria dedicado sua “sabedoria” não para atuar como agente revolucionário mas, ao contrário, para a preservação da cultura política na qual tinha se formado. Como muitos pensadores norte-americanos da Independência, acreditava que a Revolução Americana era uma forma de dar continuidade e, até, de radicalizar a história das liberdades inglesas, iniciada na Magna Carta.²⁴ Lima valorizava esta concepção como uma saudável demonstração do conservadorismo norte-americano:

O povo americano (...), felizmente para ele, não só herdou a feição inglesa de apego às instituições e aos seus usos, como habituou-se a encontrar nos meios pacíficos e regulares o melhor modo de reivindicar suas aspirações e satisfazer seus anhelos.

A cisão não significa forçosamente ódio; a divergência não implica fatalmente a destruição da opinião, e, o que é pior, dos opinantes contrários.²⁵

Apesar das críticas amargas contra a fascinação dos latino-americanos por personalidades deslumbrantes, mas vazias de consistência, Lima não deixou de notar que a virada para o século XX trazia novas expectativas. O perfil washingtoniano não estivera completamente ausente da evolução histórica local, nem os latino-americanos eram intrinsecamente carentes de espírito organizacional. Em Lima, apesar das referências à importância do clima na evolução social dos trópicos, não havia um determinismo tão acentuado que impedisse o vislumbre de mudanças. Nesse ponto, é importante destacar algumas especificidades de sua concepção do papel das elites no quadro de estabilização da ordem civil, que necessariamente deveriam abrir caminho para o início da modernização econômica. Se a figura de Washington era exemplar como modelo de equilíbrio no trato das relações sociais e no respeito

²³ Lima, *América Latina e América Inglesa*, p.123.

²⁴ Gusdorf, *op. cit.*, p. 248.

²⁵ Lima *Nos Estados Unidos*, p. 4.

pela diversidade política, ela era também fundamental pelo ritmo progressivo que impunha à mudança social e aos excessos da liberdade. De certa forma, podemos dizer que, passado então quase um século da independência hispano-americana, as repúblicas locais ainda estariam esperando um tipo de liderança que controlasse a “licenciosidade” no uso da liberdade e encerrasse o estado de guerra crônica. Diante da necessidade de afirmação de um poder político estável contra a desordem, os componentes hierárquicos do mito washingtoniano eram tão importantes quanto os democráticos, ou mais.

Nesse sentido, um exemplo notável estaria sendo dado pela Argentina, que superara seu passado caudilho através do “senso prático, o ensino profissional e a diligência industriosa”.²⁶ Na geração de Lima, a Argentina se apresentava ao mundo como o caso latino-americano mais bem-sucedido de modernização econômica, de velocidade assimilável aos processos alemão e norte-americano.²⁷ Mas seu sistema de ordem política também compartilharia semelhanças importantes com o dos EUA ao fundir espírito utilitário e não-bacharelesco com um governo bem dirigido por plutocratas de mérito, “que galgaram pelo esforço próprio a escala social” e davam exemplos de virtude pública. O estreito controle e a seleção dessas elites haviam impedido que o privatismo caudilhista continuasse imperando, “o que teria porventura sucedido se à camada aristocrática não tivesse cabido a direção social”.²⁸ Essas novas aristocracias, modernizadoras e conservadoras, ao mesmo tempo, estariam tirando a Argentina da permanente convulsão civil que ainda oprimiria as repúblicas da América andina e do Caribe:

Os observadores da sociedade argentina são concordes em dizer que o sentimento aristocrático ali acompanha e supera o sentimento democrático [...]. Aristocracia significa apenas para a mentalidade jacobina uma classe encastelada nos seus odiosos privilégios, mas pode significar aos olhos do sociólogo a seleção operada na massa social. Oligarquia que supõe o exercício, a efetividade do mando.

Enquanto aquela seleção, aquela aristocracia trabalha e produz, como ainda é o caso na Argentina e só vai deixando de sê-lo nos Estados Unidos por parte de uma fração muito diminuta, sua

²⁶ Lima, *América Latina e América Inglesa*, p. 129.

²⁷ Fernández-Armesto, Felipe. *Milênio. Uma história de nossos mil anos*. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 603-611.

²⁸ Lima, Oliveira. *Na Argentina (Impressões, 1918-19)*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1920, p. 44.

ação é útil; quando passa a só consumir e desperdiçar, sua ação entra a ser prejudicial, e, distinguindo sobre ela o colorido cosmopolita, cai na vulgaridade da libertinagem internacional.²⁹

Ao estabelecer um eixo EUA-Argentina de modernização eficiente, Lima deixava de fora o Brasil. Já em sua primeira viagem aos EUA, confessava a sua "impressão de melancolia com o muito que os Estados Unidos têm alcançado, e pelo pouco que nós temos relativamente feito".³⁰ Produzindo sua obra nas primeiras décadas da República, sua ansiedade na busca de um novo modelo de comportamento político para as elites brasileiras estava diretamente relacionada com a sensação de que a Argentina estava superando os vícios deixados pela herança colonial enquanto o Brasil, que os teria evitado durante tanto tempo graças à Monarquia, estava agora mergulhando neles: "Democracia – é injusto assim denominar o falso sentimento de igualdade que prevalece entre nós, que é mais desrespeito proposital por todas as superioridades na virtude, no talento ou no caráter, encarnando-se umas vezes na chacota, outras vezes no jacobinismo".³¹ Ao fazer uma apropriação seletiva do mito de Washington, Lima sugeria sua adequação como modelo exemplar em um quadro de conflito crônico. Nesse contexto, as liberdades contra a tirania pessoal estariam mais bem asseguradas pela ação de uma elite hábil na captação e direcionamento produtivo dos anseios populares do que pela dispersão de desejos heterogêneos.

²⁹ Lima, Oliveira. O intelectualismo na política americana. In: *Obra seleta*. Rio de Janeiro: INL, 1971, p. 580.

³⁰ Lima, *Nos Estados Unidos*, p. 17.

³¹ *Ibid.*, p. 2.